

PMDB decide abrir trégua

11/8/87, TERÇA-FEIRA • 3

para evitar ruptura

Andrei Meireles

Os principais dirigentes do PMDB decidiram evitar o aprofundamento da crise no relacionamento com o presidente José Sarney e com o PFL ao considerarem a alternativa da ruptura neste momento prejudicial à Constituinte e ao próprio processo da transição democrática. Mas, nas diversas conversas de avaliação nos últimos dias, chegaram a duas outras importantes conclusões: 1) — A Aliança Democrática acaba definitivamente com a promulgação da nova Constituição; O governo José Sarney se esgota também com o final da Constituinte. Não há, contudo, consenso sobre a melhor maneira de substituí-lo: o senador Mário Covas, líder do PMDB na Constituinte, defende a mudança do Govern-

no através do voto, com a realização de eleições presidenciais em novembro de 1988. Já o deputado Luiz Henrique, líder do PMDB na Câmara, quer uma mudança através da adoção do regime parlamentarista, Sarney no Planalto, sem o comando do Governo, até março de 1990.

O deputado Ulysses Guimarães, presidente nacional do PMDB, foi conversar no sábado passado com Sarney, com o propósito de contornar a crise. Ou melhor, como observam dirigentes do partido, de adiar a para depois da Constituinte. Com isto, o relacionamento do Governo com o PMDB aparentemente se normalizou.

O senador Mário Covas diz que a Aliança Democrática já se esgotou. Mas concorda que a sua implosão neste momento poderia criar uma crise política negativa

para os trabalhos constituintes. Ulysses publicamente continua a defender a manutenção da Aliança Democrática, mas, em conversas reservadas, tem admitido que ela não sobreviverá à promulgação da Constituinte.

A posição intermediária em relação ao Governo é a do governador Waldir Pires, da Bahia, que defende uma opção clara do presidente José Sarney por um dos dois partidos da Aliança Democrática que assumiria integralmente o Governo. O setor oficialista do partido, comandado pelo deputado Carlos Sant'Anna é o único que se dispõe a prosseguir apoiando Sarney em um governo de Aliança Democrática. Mas gostaria de que seus integrantes, mais conservadores, substituissem no Governo ministros e ocupantes de cargos importantes identificados com os progressistas do PMDB.

Poder diminuiu, reclama o partido

Rubem Azevedo Lima

Apesar de majoritário na Aliança Democrática, que dá sustentação político-parlamentar ao presidente José Sarney, e de possuir maioria absoluta na Assembleia Nacional Constituinte, o PMDB entende que está perdendo cada vez mais espaço e força junto ao Governo.

Essa foi a reclamação que numerosos peemedebistas fizeram ao presidente do partido e da Constituinte, deputado Ulysses Guimarães, bem como ao líder governista na Câmara, deputado Carlos Sant'Anna (PMDB-BA), que a transmitiu — segundo revelaram os queixosos — ao próprio Presidente da República.

Sant'Anna, que se avistou ontem com Sarney, procurou, antes da entrevista com o Presidente, conter os peemedebistas descontentes com o fato de estarem sendo desprestigiados pelo Governo.

Embora afirme que o presidente Ulysses Guimarães é quem vem «saturando» a Aliança Democrática, Sant'Anna está, em nome do Governo, tentando evitar que se agravem os descontentamentos nas bancadas de seu partido, ante o crescimento do PFL, em termos de ocupação de cargos públicos.

Esvaziamento

Pelo menos cinco postos de con-

fiança e dos mais importantes na administração pública passaram do PMDB para o PFL, segundo mostraram os peemedebistas descontentes com o governo Sarney. Um desses queixosos afirmou, inclusive, que o Presidente parece criar certas crises, deliberadamente, a fim de subtrair posições do PMDB. Para evitar queixas, explicou esse peemedebista, o presidente Sarney instruiu os nomeados para se filiarem, antes do ato formal de nomeação, ao PMDB. Foi isso que fizeram os ministros José Reinaldo Tavares e Vicente Fialho, ex-pedessistas e amigos pessoais de Sarney, antes de serem nomeados, respectivamente, para o ministério dos Transportes e da Irrigação.

Agora mesmo, ao que salientou um dos reclamantes, o mesmo procedimento foi adotado para a nomeação do presidente interino da Caixa Econômica Federal, Mauricio Viotti, amigo do genro de Sarney, Jorge Murad.

Dentre outros cargos que pertenciam ao PMDB e hoje são ocupados por homens do PFL ou simplesmente por amigos pessoais de Sarney, os peemedebistas lembram a presidência do BNDES, da qual se afastou Dilson Funaro para ser ministro da Fazenda e cuja vaga esteve interinamente ocupada por um filho do ex-

governador Franco Montoro, mas que hoje é de Márcio Fortes, do PFL do Rio; Banco do Nordeste, antes dirigido pelo atual senador Mauro Benevides, do PMDB do Ceará, e entregue a um amigo particular de Sarney, o funcionário aposentado do Banco do Brasil, José Pereira da Silva, que atuará apenas na região amazônica; presidência da Sudene, ocupada até o final da última semana pelo peemedebista Dorany Sampaio, e agora entregue a Antônio Frota, que se inscreveu no PMDB no dia em que foi nomeado para aquele cargo; e presidência da Casa da Moeda, no Rio de Janeiro, posto que era solicitado, pelo PMDB, para o ex-deputado Pedro Faria, mas que foi entregue a um técnico.

Os peemedebistas também se queixam da estratégia do Governo de atrasar as nomeações, durante vários meses, para, afinal, em meio às crises, fazer indicações de cunho pessoal ou que beneficiem o PFL. O PMDB tem vários candidatos a ministro do Exterior, hoje o pefelista Abreu Sodré, que está disposto a ir para a Embaixada do Brasil em Paris. Mas, o Presidente não faz essa troca para não dar mais espaço político a aquele partido. Pela mesma razão estão vagas, há seis meses, duas diretorias pedidas pelo PMDB na Caixa Econômica (Pessoal e Administração).